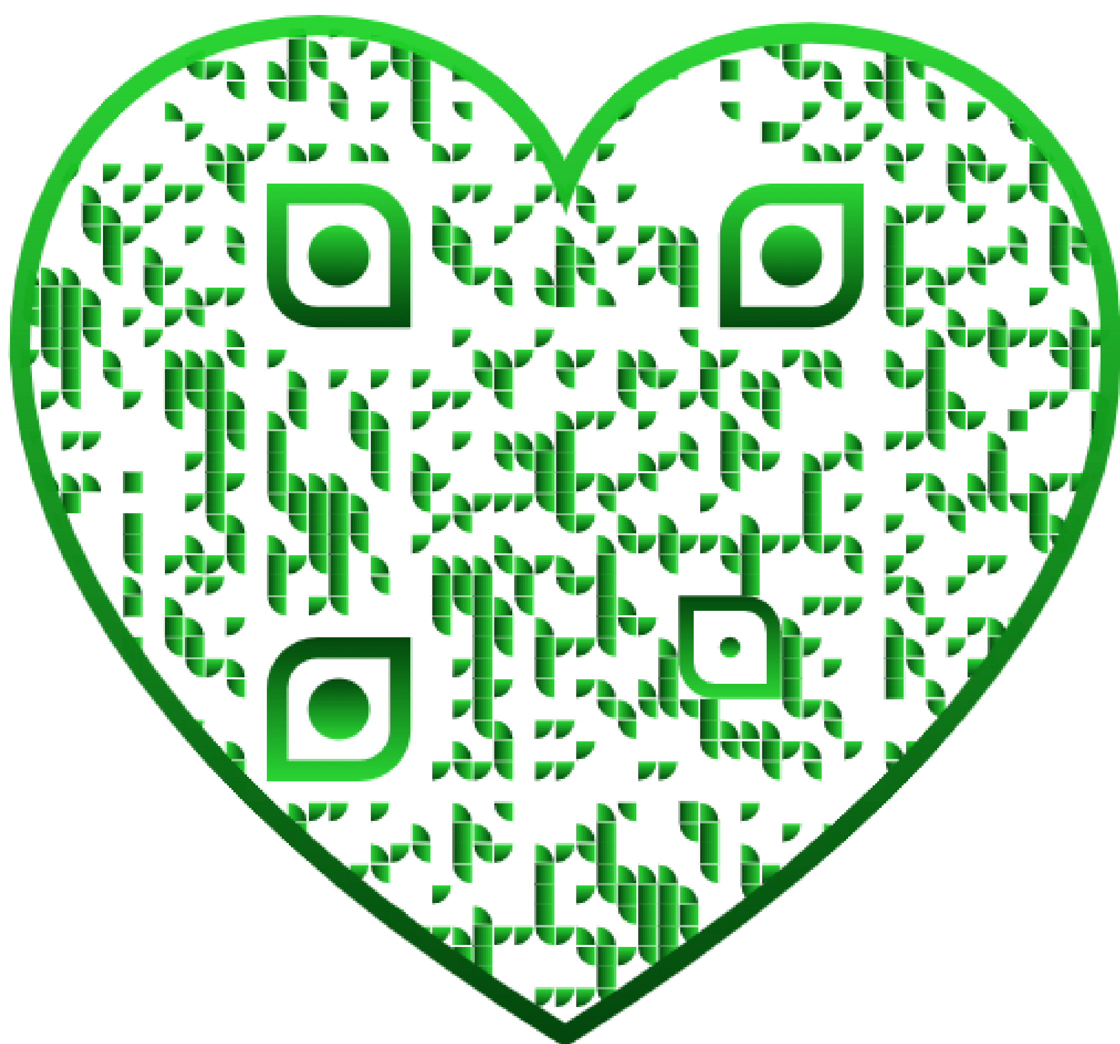

O Vira-Lata
SÉRIE AMORES BRASILEIROS 2
FLAVIA PADULA



O VIRA-LATA

SÉRIE AMORES BRASILEIROS 2
CONTO CONTEMPORÂNEO

FLÁVIA PADULA

Copyright©2019 Flávia Padula

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio,
eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora.

Dedico este livro a todas as pessoas que acreditam no amor e na simplicidade.

O amor é a única paixão que não admite nem passado nem futuro.

Honoré de Balzac

CAPA: RANS
REVISÃO: MORGANA BRUNNER



Eu somente precisava de um abraço...

Quando recebi a mensagem que não precisariam mais dos meus serviços, sabia exatamente o que isso significava. Havia perdido a batalha contra a balança e o poder do dinheiro.

Sou modelo profissional desde os treze anos e já viajei o mundo todo fazendo campanha para milhares de marcas e revistas. Meu rosto é sinônimo de beleza e status, sempre fui invejada por causa dos meus namoros inconstantes com celebridades, o glamour, os trabalhos que conquistei. E a vida como modelo tem muitos benefícios, ainda mais quando algum costureiro famoso gosta de você e te usa em todas suas coleções como uma diva da moda.

A minha vida era assim.

Até que no mês passado, de quarenta e cinco quilos fui para cinquenta. Sem explicação alguma, porque vivo sem comer, minha dieta é a base de muita salada, legumes e água. Nunca tomo refrigerante ou como doce, carboidrato. E ganhei esse peso inesperado.

O novo gerente da Agência me chamou para uma conversa e disse que poderia me ajudar no mesmo instante em que suas mãos pousaram em meus seios. Perdi a cabeça e devolvi com um tapa no rosto bonito do rapaz. Minha atitude ecoou pelo mercado e fiquei sem trabalho, além de receber uma bela demissão por mensagem pelo WhatsApp.

Fui fazer terapia. Em primeira consulta, chorei o tempo todo como uma criança desesperada pelo doce que lhe roubaram. Queria o meu emprego de volta, o dinheiro que ganhava com isso, os amigos que se afastaram, o namorado que não respondia mais as mensagens e vivia ocupado demais para me ver. Do dia para a noite, deixei de ser celebridade e era apenas Raquel Peres, desprezada pelas agências que um dia brigaram para me contratar.

— Por que não tira umas férias e viaja? — A terapeuta me propôs. — Saia um pouco do caos que se formou sua vida, tome novos ares e tente olhar para o problema sob uma nova perspectiva.

— Pode ser... — Concordei, inquieta.

— Visitar sua família. — Ela ponderou. — Há quanto tempo você não vê sua família?

Muitos anos, pensei.



Fui para casa, arrasada.

Parei meu carro na porta do prédio onde moro para entrar na garagem e vi um cachorro todo encolhido no meio fio. Levantei os óculos escuros para ver melhor e reconheci o pobre animal que tremia. Era o Dodô, o cachorro do senhor Otávio que morava no oitavo andar. Eu sabia, porque além de morar naquele prédio há anos, o senhor Otávio saía para passear com ele todos os dias, de manhã e à noite.

O portão da garagem abriu e guardei o carro. Voltei lá fora e me aproximei do cachorrinho: um vira-lata pequenino. Ele rosnou para mim quando aproximei a mão e depois sentiu meu cheiro e me lambeu. Estava acostumada a fazer carinho em seus pelos de vez em quando. Nunca fui muito fã de animais, talvez pela falta de tempo, por sempre estar viajando, nunca parando em casa, vivendo mais em hotéis e aviões do que abraçando meus preciosos travesseiros.

Bati à porta do apartamento do senhor Otávio. Não demorou e a porta foi aberta pelo senhor simpático de sorriso agradável e careca.

— Oi, senhor Otávio, desculpa incomodar, mas eu achei o Dodô lá embaixo no meio fio — estendi o animal para ele.

Ele fechou a cara.

— Era para ele ficar lá! — O homem se recusou a pegar o cachorro.

— O quê?

— Ele ficou cego e deixei lá para que alguém o atropelasse e ele morresse logo — falou ríspido. — Cuide da sua vida! — E bateu a porta na minha cara.

Eu não podia acreditar no que tinha ouvido.

Balancei a cabeça, desolada.

Como assim?

Olhei para a porta e depois para o Dodô e acariciei seu pelo marrom e branco, tudo misturado. Ele era tão fofo e não podia deixá-lo com aquele homem egoísta ou na rua. O melhor era levá-lo para o meu apartamento e cuidar dele até encontrar alguém que pudesse adotá-lo.



— Desculpa, Kel. — Adria, minha agente, falava ao telefone comigo. — Mas não consegui nada.

Ouvi aquilo e me senti péssima. Minha maré de azar havia se congelado na praia e não ia embora.

— Não sei o que houve, porque eles não querem mais você! — Ela se desculpou.

— Nós sabemos o motivo, não é? — desesperei e comecei a chorar. — Desculpa, Adria. Depois a gente se fala...

Desliguei e levei a mão ao rosto, arrasada. Então senti um carinho nos meus pés. Dodô estava ali, mesmo cego ele enxergou a minha dor e se aproximou para me acalentar. Ele estava comigo há três dias. Não fazia bagunça, acho que a cegueira estava o deixando depressivo. Sentei no chão, o peguei no colo e fiz carinho.

Eu me sacrifiquei tanto para ser uma *super modelo* e eles me descartaram sem piedade. Suspirei e enxuguei as lágrimas, enquanto Dodô lambia o meu queixo. Talvez a terapeuta tivesse razão, eu precisava dar um tempo de São Paulo, dos problemas e preocupações. Ver minha família um pouco, embora soubesse que acabaríamos nos desentendendo e eu iria embora chateada. Mas era melhor estar rodeada de pessoas queridas, do que no meio daquele apartamento enorme vazio e cheio de coisas caras.

— E se eu não achar outra pessoa para te adotar, vou ter que te levar comigo — falei com o Dodô e ele deu um latido e sorri. — Acho que você quer viajar.

Sempre acreditei em dias melhores e aquela era uma fase ruim, apenas. Logo tudo se ajeitaria. Confiante, levantei e fui arrumar as malas.



Meus pais moram em um sítio no interior de Minas Gerais, no sul do estado. Aquele espaço quieto e manso que a maioria dos mineiros chamam de

roça. Não avisei que ia chegar, preferi fazer uma surpresa. Meu pai é aposentado e minha mãe dona de casa. A vida deles se resume a cuidar do sítio durante a semana e ir à missa na cidade, aos domingos. E falar com as três filhas pelo telefone fixo, no sábado à noite.

Eles não têm internet. A vida do meu pai é ouvir notícias pelo rádio e a da minha mãe se encontrar com suas amigas celebridades nas novelas noturnas ou nas tardes de fofocas dos programas de TV.

E quando meu carro apontou no portão de madeira envernizada, tive a sensação que minha mãe sabia que eu havia chegado e me olhava da janela da cozinha, enquanto terminava de lavar a louça do almoço. Às vezes, eu achava que ela era uma bruxa, a dona Marta parecia adivinhar até os meus pensamentos. Respirei o ar puro e sorri. Precisava admitir que era bom estar em casa. A entrada de pedras circundadas pela grama verde dava uma sensação de liberdade que eu adorava. Quantas vezes andei por aquelas pedras descalças? E ralava os joelhos ao cair? Podia ouvir a minha risada e das minhas irmãs, a gente de vestido de chita rindo da vida porque ela era tão simples.

Na infância, não precisava pesar quarenta e cinco quilos ou menos para ter um trabalho. Eu podia comer pão feito pela minha avó com manteiga caseira e tomar leite tirado da vaca. A gente comia fruta tirada do pé e nadava no rio sem medo. Sem amarras.

Sim. Estar em casa me trouxe uma sensação de bem-estar inesperada.

Meu pai estava capinando o jardim. Parei meu carro e olhei para ele, todo sujo de terra, com o chapéu na cabeça para esconder a pele envelhecida do sol. Ele levantou o corpo e olhou para o carro reluzente e bonito. Ele sorriu. Também sorri.

— Oi, pai.

— Oi, Keka. — Ele falou com carinho.

Cruzei o espaço que nos separava com meus saltos altos e o abracei.

Meu pai, o Nelson, tinha cheiro de saudade.



— Você tem um cachorro? — Assim que entrei em casa, minha mãe perguntou, perplexa.

— Sim — respondi com um sorriso amarelo enquanto meu pai levava minhas coisas para o meu quarto.

Ela cruzou os braços e me encarou, desconfiada.

— O que está escondendo, Raquel de Fátima? — Ela quis saber.

Então, respirei fundo uma vez. Duas vezes. Na terceira, estava despejando lágrimas.

— Perdi o emprego, mãe...

Ela levou a mão ao peito, aliviada.

— É isso, minha filha? Emprego você arranja outro, não fica assim não! — Ela me abraçou e foi como se todos os problemas do mundo desaparecessem.

— O que eu vou fazer? — inquiri me sentindo uma criança de sete anos que perdeu a única bola que tinha para brincar.

Ela me beijou na testa. Sabia que beijo de mãe cura todo tipo de enfermidade?

— Você vai tomar um banho, colocar uma roupa bonita e passear um pouco para descansar a cabeça. O problema a gente resolve depois que ele esfria...

Sorri em paz. Era o paraíso estar em casa.



Com os cabelos molhados e o vestido de chita curto de flores azuis, e chinelos, saí pelos fundos para não acordar o meu pai que estava na sala, dormindo. Minha mãe estava fazendo a janta e sorriu para mim, como se ela tivesse o controle de tudo ao seu redor. E talvez tivesse, mães eram uma espécie de feiticeiras que faziam tudo dar certo e a gente se sentir bem.

Com Dodô no colo, desci o barranco dos fundos e segui pela margem do rio. Tirei os chinelos e senti a terra sob os pés. Fechei os olhos e soltei um longo suspiro.

Ouvi latidos e olhei para trás. E não era um cão, eram vários e todos corriam de forma desordenada em minha direção. Cachorros grandes, pequenos, parecia uma matilha louca e alucinada, pronta para derrubar quem estivesse a frente. Dois cães enormes surgiram e vieram em minha direção. Com medo que me mordessem ou pior, que pegassem o frágil Dodô, me joguei no rio. A água

estava gelada e emergi sentindo o choque da temperatura.

— Céus! — falei um palavrão.

Ouvi uma risada masculina e passei a mão pelos olhos enquanto Dodô nadava sem direção. Eu o peguei e olhei para o homem parado à margem. Por que ele estava rindo?

— O que foi? — minha voz saiu mais irritada do que queria.

Ele controlou a risada.

— Desculpa! Mas foi engraçado o modo que você se jogou no rio! — Ele estendeu a mão. — Eu te ajudo.

— Os cachorros são seus? — perguntei.

— Sim...

Então, ele merecia um castigo por me assustar tanto e ainda rir de mim. Segurei a mão dele e antes que ele fizesse força para me ajudar, eu o puxei para dentro da água. Enquanto ele afundava, saí de dentro do rio. Estava ensopada, o vestido grudando no meu corpo. Olhei para o rio e ele não voltava à tona. Arregalei os olhos e pensei que podia ter sido imprudência, porque ele poderia não saber nadar.

— Meu Deus! — desesperei. — O que foi que eu fiz?

Deixei Dodô no chão, entrei no rio e afundei para procurar por ele. *Alguém acredita que este homem estava agachado, já que aquela parte do rio não era funda?* Quando ele me viu, levantou-se e começou a rir. Também me ergui, morta de raiva.

— Idiota! — gritei. — Seu babaca!

Ele se divertia.

— Fale a verdade, você mereceu!

— Eu? — questionei, ofendida. — Mas foi seu cachorro que começou toda essa bagunça!

— Meu cachorro não fez nada! Você pulou no rio!

Sem argumento, gemi de raiva e me virei para sair novamente e vi o Dodô e mais um cachorro grande de pelo amarelo. Deviam estar pensando que éramos loucos.

— Esse é o Thor. — Ele apresentou o cachorro. — Ele é um labrador.

— Hum. — Eu assenti, fingindo não ligar. — Não entendo de marcas de cachorro.

Ele riu outra vez.

— Não é marca, é a raça! — corrigiu com um bom humor irritante.

— Tanto faz — respondi mal-humorada e saí do rio. Ele também.

— Não vai me apresentar?

— O quê? — perguntei sem entender nada.

— Seu cachorro... — Ele apontou.

Peguei Dodô no colo.

— Esse é o Dodô! — apresentei dando um sorriso. — Ele não é meu, quer dizer, agora ele é, mas estou procurando alguém para adotá-lo.

— Por que quer dá-lo para a adoção? — Ele quis saber como se eu estivesse fazendo o maior absurdo do mundo.

Não sabia explicar sem ficar constrangida.

— Bem, ele era do meu vizinho, o senhor Otávio. Daí um dia cheguei no prédio e o Dodô estava no meio fio. Eu o levei de volta para o dono, mas ele disse para eu cuidar da minha vida porque tinha deixado o Dodô lá para morrer atropelado, porque ele está ficando cego... — contei atropelando as palavras.

Pasmem. Naquele momento, eu compreendia exatamente a dor do Dodô de ser abandonado por ter alguma modificação no próprio corpo. Eu havia perdido meu emprego, e Dodô sua casa. Notei que ele me encarava com o cenho franzido.

— O que foi?

— Você agiu bem — mostrou-se, surpreso. — Imagine quantas pessoas passaram naquela calçada e fingiram não ver o Dodô?

— Não havia pensado por esse lado. Agi por instinto.

Sua expressão me fez sentir um arrepio pelo corpo. Daqueles que dá um calor no peito e sobe pelo pescoço.

— Não quer entrar e tomar uma água? — Ele apontou para a casa de alvenaria acima do barranco.

Eu havia andado tanto que não notei que estava nos fundos da casa de alguém.

— Não sei se isso é legal — falei sincera. — A gente não se conhece e minha mãe me ensinou a não falar com estranhos — ironizei deixando meu bom humor voltar à tona.

Ele tinha um sorriso bonito, charmoso.

— Minha avó e minha mãe estão em casa, não acho que elas vão tentar te matar hoje. — Ele devolveu com sarcasmo.

Tentei não sorrir, mas foi inevitável. Estendi a mão:

— Raquel. — Eu me apresentei.

— Francisco. — Ele pegou minha mão e a apertou com firmeza.

Senti um calor pelo corpo e me perguntei o que mais ele conseguia apertar daquela forma, ainda mais se estivesse nu.

— Vamos? — Ele insistiu.

— Tudo bem. – Concordei cortando meus pensamentos.



Francisco era charmoso com seus cabelos loiros e compridos, totalmente desajeitados. Ele usava uma camiseta branca e uma bermuda toda suja de patas de cachorro. Foi a primeira vez que entrei em uma casa que uma música soava por todos os lados e ao vivo. Uma voz feminina deliciosa entoava uma música da Marisa Monte, *Bem que se quis*. Os móveis eram todos simples, havia uma estante apinhada de discos de vinil e meu queixo caiu admirada e o outro lado da parede com cd´s.

— Minha mãe gosta de música. — Explicou e abriu um armário e pegou duas toalhas e deu uma para mim. Agradeci e fomos para a cozinha aconchegante de azulejo azul com desenhos de xícaras e ele pegou um copo com água.

Então, ouvi uma série de latidos e olhei para janela. Era um enorme canil, havia dezenas de animais.

— O que é isso? — perguntei, curiosa.

— Ele trabalha com animais. — Uma voz feminina surgiu.

A senhora baixa de cabelos brancos entrou na cozinha e se aproximou de nós.

— Não vai me apresentar sua amiga, Chico?

— Claro. — Ele coçou a barba por fazer antes de olhar para mim. — Esta é a Raquel, e esta é minha avó Maria.

Ela sorriu para mim e piscou antes de falar com o Francisco:

— Você ofereceu só água para ela? — perguntou, indignada. — Acabei de fazer um bolo de milho maravilhoso, receita da minha avó! — Ela foi em direção ao forno e tirou aquela travessa que brilhou diante dos meus olhos como

se fosse ouro.

— Gosta de bolo de milho? — Ele quis saber, constrangido com o jeito da avó de sempre oferecer comida às visitas.

— Claro que gosta, quem não gosta? — Ela colocou em cima da mesa e cortou um pedaço enorme, colocou sobre um prato e me ofereceu.

Deixei Dodô no chão e peguei o prato. Minha boca salivou.

— Não me lembro da última vez que comi um pedaço de bolo — falei em voz alta.

Eles me olharam, chocados.

— Sou modelo — expliquei e mesmo assim eles não entenderam.

— Você sofre de algum distúrbio alimentar? — Ele inquiriu, preocupado.

— Não, quer dizer — encolhi os ombros. — Se viver de dieta for distúrbio, então tenho um — tentei ser engraçada, mas eles continuavam sérios, achei melhor comer. — Hum — gemi fechando os olhos. — Está simplesmente divino!

A senhora sorriu, orgulhosa. A música parou de ecoar pela casa e uma mulher surgiu também, ela era tão bonita e não foi difícil concluir que era a mãe do Francisco, seu nome era Marlene. Eles tinham os mesmos cabelos e sorriso. A diferença era que aquele jeito despojado dele o deixava charmoso, bonito, atraente de verdade. Estava tão acostumada a ver tantos homens tão iguais que a figura do Francisco era sem dúvida viril e, quando ele me olhava, ficava excitada, sem a intenção.

— Posso comer mais um pedaço do bolo? — indaguei sem pensar nas consequências.

— Claro, querida... — Maria me serviu mais um pedaço.

— Por que vocês dois estão molhados? — A mãe dele perguntou para provocá-lo.

— A gente caiu no rio. — Ele falou sério e limpou a garganta.

— Juntos? — A mãe seguiu com a provocação.

— É. — Ele se aproximou de mim. — Quer conhecer o sítio?

— Claro... Obrigada pelo bolo — agradeci. — Vem, Dodô... — Então lembrei que ele não saberia me seguir. O Francisco se adiantou e o pegou no colo.

Fiquei com inveja do Dodô. De verdade. E acho que do jeito que olhei para o Francisco, ele notou. Sorri sem graça e saí da casa.



Francisco era veterinário. Morava na capital, em Belo Horizonte, tinha uma clínica de renome até que ele começou a fazer trabalho voluntário e notou que precisava fazer mais pelos animais do que simplesmente atender em uma clínica particular. Vendeu seu negócio para o sócio. E no sítio da mãe montou aquela clínica, *a Vira-Lata.* Ali, ele abrigava todo tipo de animais, mas a maioria eram cachorros, alguns abandonados e doentes.

Conseguiu a ajuda da prefeitura da cidade mais próxima para o gasto com ração e outras necessidades dos animais. Ainda haviam os empresários que enviavam o que ele precisava.

— Não mexo com dinheiro. — Ele me contou. — Somente aceito doações materiais, ração, remédios — explicou. — Assim evita aquela chatice das pessoas ficarem me questionando o que faço com o dinheiro delas.

— E quantos animais são?

— Hoje tenho setenta e dois.

— Uau — fiquei surpresa. — E como faz para cuidar de tudo isso?

— Minha mãe me ajuda, tenho mais dois empregados que me auxiliam — falou sério. — E mais um veterinário de apoio, em caso de emergência.

— E como faz para sobreviver, então? — questionei olhando ao redor. — Isso aqui não dá dinheiro!

Fiquei arrependida de ter perguntado e me achei tão idiota. Além de não ter nada a ver com a vida dele, o que ele fazia era bonito demais para ser discutido.

— Eu dou aula na universidade — contou.

— Desculpa ter perguntado — fiquei envergonhada.

— Dinheiro é importante para você, não é?

— É. Ainda mais quando sua família depende dele! — corrigi depressa. — Pago a faculdade das minhas irmãs, os gastos com o sítio, meu luxo.

— E sua família, o que eles fazem?

— Meu pai foi aposentado por invalidez, ele perdeu a audição e o movimento de uma das pernas em um acidente de trabalho, mas a aposentadoria dele não dá para muito — justifiquei.

— Aí você se tornou a salvadora da pátria?

— Senti uma pontada de reprovação? — olhei para ele, perplexa.

— Eu não te conheço. — Ele deu um passo para mim. Pegou a minha franja solta do meu cabelo castanho de propaganda de xampu, e colocou atrás da minha orelha e senti arrepios pelo corpo. — Mas dá para notar que você não está feliz.

Eu era alta, e ele era mais alto que eu. Era difícil encontrar homens tão altos fora das passarelas. Dei um passo para trás incomodada com a aproximação.

— Perdi meu emprego, fui mandada embora — expliquei cruzando os braços.

— E qual é o problema? — perguntou como se fosse normal ser demitida por estar gorda.

— Quem vai pagar as contas, agora? — perguntei o óbvio.

— Família existe para isso, para dividir os problemas, do contrário, não é família.

Ele me deu as costas e foi em direção ao canil. Fiquei olhando aquelas costas largas e com vontade de ficar mais tempo perto dele.



Voltei para casa. Sentei na rede com o Dodô e comecei a balançar devagar enquanto o sol desaparecia no horizonte, em um amarelo ouro maravilhoso. Uma paz intensa me dominou e suspirei.

— Foi dar uma volta por aí? — Meu pai perguntou parando ao meu lado.

— Fui... — sorri para ele.

— É o pôr do sol mais lindo que já vi. — Ele comentou.

— E quantos outros o senhor já viu, pai?

— Nenhum. Mas a gente não precisa conhecer tudo para descobrir o que é o melhor, filha. — Ele piscou para mim. — Nada se compara ao pôr do sol que faz o meu coração bater com força. — Ele fechou o punho ao falar, como se desse mais entusiasmo às suas palavras.

Meu pai tinha toda razão. Vi o sol se pôr na Grécia, no Japão e inúmeros outros lugares. Todos magníficos e inesquecíveis. Mas aquele momento, vivido na porta da minha casa, no lugar onde me sentia parte do mundo, era

indescritível.

A gente jantou em silêncio. Não por não ter nada a dizer, mas meu pai gostava assim, de saborear a comida apenas com o som que vinha de fora de casa. Daí fui assistir novela com a minha mãe e depois para o meu quarto. Ouvi barulhos na minha janela. Já estava deitada olhando o celular, passando a tela sem enxergar nada. Levantei depressa e abri o vidro e levei uma pedrada na testa.

— Ai! Doeu! — reclamei.

— Me desculpe! — A voz veio lá de fora.

Francisco. Aquela voz forte e vibrante, não era fácil esquecer. Olhei para fora.

— Quer me matar?

— Não consegui à tarde, vim tentar agora. — Respondeu com seu charme natural.

Ri. Há quanto tempo não ria dessa forma tranquila?

— O que você quer? — perguntei.

— Dar uma volta e conversar — falou simplesmente.

— Somente isso? — duvidei.

— Se a gente se beijar no fim também é bom. — Ele zombou.

Dei uma risada gostosa. Será que ele sempre tinha que fazer piada com tudo?

— Já vou descer.

Desci e vi meu pai assistindo a novela das oito.

— Aonde você vai a essa hora? — Minha mãe perguntou, preocupada.

— Vou dar uma volta com o neto da dona Maria, o Francisco — expliquei.

— Ah, sei. O dono da cachorrada. — Ela lembrou.

— Sim. — Ri do jeito exagerado dela falar.

— Cuidado, já houve ataque de onça na região. — Meu pai me precaveu.

— Sério? — Fiquei preocupada enquanto vestia a jaqueta jeans por cima da camiseta.

— Não, é mentira. — Debochou.

Balancei a cabeça, desolada. Estava cercada por loucos. Assenti e saí.

Meu coração acelerou quando vi o Francisco, outra vez. Podia parecer bobagem, mas era bom estar perto dele. Era diferente. E concordava com o que

meu pai dissera naquela tarde, não era preciso conhecer tudo para descobrir o que nos fazia bem. Eu conhecia o mundo, mas a paz que sentia naquele momento era acolhedora e estar ao lado do Francisco era como dar um abraço de saudade na vida.

Caminhamos lado a lado em silêncio. Fomos para a casa dele e subimos para o terraço, onde havia um telescópio, uma mesa e churrasqueira. Tudo muito simples e aconchegante. Ele abriu duas latas de refrigerante. Achei estranho ele não me oferecer uma cerveja, mas preferi não comentar.

Do andar debaixo subia a voz do Lenine, cantando *Simples Assim*. Ele me mostrou as estrelas.

— Vem. — Ele estendeu a mão para mim.

— Aonde? – olhei ao redor.

— Para os meus braços. — Meu coração deu um salto e engoli em seco. — *Para que viver na solidão*? — Ele repetiu as palavras da música.

Aceitei a mão estendida e quente. A minha suava como a de uma adolescente diante do primeiro beijo e meu estômago se encolheu. O calor do corpo dele dominou o meu, sem pressa, mas de uma maneira tão forte que ficou difícil respirar com ele tão perto. A mão dele era grande e deslizou pela minha cintura e espalmou na base da minha coluna, me puxando para perto, fazendo com que eu sentisse todas as partes de seu corpo, inclusive sua excitação. A outra mão segurou a minha e a levou para cima, como a posição de uma valsa. Minha mão livre pousou no ombro largo e firme sob a camiseta de algodão. Eu podia sentir os músculos de seu corpo, sua respiração contra a minha, nossas pernas se roçando.

E como dizia a música: *é simples assim.*

Nada era complicado com o Francisco, e era inevitável me sentir atraída por ele. Talvez, por isso, fosse tão especial estar ali. Não havia confusão, nenhum jogo ou interesse. Eu não era a modelo ou ele o veterinário. Era apenas a Raquel e o Francisco. E era mágico.

Pela primeira vez, ignorei o fato de estar maquiada ou com a roupa mais bonita, fatal e sexy, ou o cabelo perfeito e perfumada. Eu estava descalça, meu cabelo preso em um rabo de cavalo e aposto que se soltasse era um ninho de gato. A vida não era bonita por causa da minha aparência, mas por causa dos sentimentos que se desprendiam da minha alma e fluíam para o universo. Por tudo que estava acontecendo naquele momento, a paixão que eu nutria por aquele homem e ele por mim.

— Preciso te falar uma coisa. — Ele falou muito sério.

— O quê? — Minha voz mal saía.

— Sou gay...

Parei de dançar e fiquei olhando para ele sem saber o que dizer. Um balde de água fria no meu tesão. Aquilo nunca tinha acontecido antes e era constrangedor.

— Eu... — Não sabia o que dizer. — Tudo bem, respeito sua escolha.

De repente, ele explodiu em uma risada.

— É mentira! — Ele não parava de rir.

— Você é muito idiota! — falei indignada e brava.

Eu me afastei dele e virei para ir embora, mas ele me puxou de volta e me beijou com uma paixão que fez meu corpo pegar fogo e parecer que o chão abaixo de nós tremia. Eu me agarrei em Francisco e ele apertou meu corpo contra o seu, tentando me engolir com os lábios. Ele se afastou relutante e devagar. Esperava que ele fosse rasgar meu vestido, mastigar minha calcinha ou até me puxar pelo cabelo, menos me beijar daquela forma apaixonada e depois me levar para deitarmos na rede, sob o telhado.

Nunca havia ficado com alguém sob a luz das estrelas.

Jantei nos lugares mais caros do mundo, fui pedida em casamento duas vezes, as quais neguei com veemência, afinal, não queria me casar aos vinte e dois anos e nunca estive apaixonada de verdade. Já fui presenteada com as joias mais caras que uma mulher poderia imaginar, além de presentes, tratamento VIP.

E nada se comparava com aquele momento, naquele terraço.



— Eu fui modelo por sorte ou acaso, sei lá... Um caça talentos me achou e propôs à minha mãe um teste em um estúdio em São Paulo, estava com treze anos. No começo, tudo era divertido e conquistei a atenção de muita gente, é um mercado competitivo. Daí de repente, você não quer sair mais e faz coisas das quais não se orgulha.

A mão dele acariciava minhas costas e ele me ouvia atentamente, sem me interromper.

— Uma vez, no começo, quando fui para a Europa, dormi com um cara somente para conseguir um trabalho — admiti. — Depois disso tentei voltar para

casa, mas minha mãe ficou doente, eles precisavam da minha ajuda financeira. Muitas modelos não fazem isso, mas eu queria chegar ao topo depressa, antes de todas. E foi horrível.

— Imagino... Ninguém gosta de fazer esse tipo de coisa...

— Tem gente que gosta — falei com sarcasmo e apoiei meu queixo no peito dele e o encarei. — Mas eu não gostava e nunca mais precisei disso.

Ele ficou me estudando.

— O que foi? — perguntei, constrangida com aquele olhar que parecia enxergar a minha alma.

— Quando você era criança, o que sonhava em ser?

— Professora — respondi depressa.

— E por que não realiza esse sonho, agora? As escolas estão precisando de professores, sabia? — Ele aconselhou e eu ri. — O que foi? Por que não pode ser professora?

— Não sei... Não sustenta minha família.

Ele fez que não.

— Não sustenta o luxo, mas tem muitas famílias que vivem do salário de professor e são felizes. — A voz dele soou séria. – Vivem muito bem. A maioria das professoras pagam a faculdade de seus filhos e as contas da casa.

Fiquei constrangida pelo meu pensamento. Falando em voz alta soou ridículo. Ele se ergueu da rede, estava decepcionado comigo. Eu tinha estragado tudo, dava para ver.

— Você ainda é nova, tem uma vida toda pela frente. Não tem que ficar sem comer bolo de milho por anos quando adora, ou transar com alguém que não está afim porque acha que sua família não sabe viver sem isso!

— Não é fácil como parece! — Também me levantei. — É fácil falar quando você mora com a mamãe e sua maior responsabilidade é cuidar de um bando de cachorros!

Virei as costas e desci as escadas, saindo no quintal. Estava chateada, mas principalmente irritada porque as palavras dele faziam muito sentido e se eu as aceitasse, teria que enfrentar as mentiras que contei para mim todos aqueles anos e descobrir que eu podia ser importante para alguém mesmo sem dinheiro.



Eu gostava de pintar quadros. Tinha alguns na parede do meu quarto e dentro do guarda-roupa. Quando o sol nasceu, peguei meu carro e fui para a cidade. Comprei tinta, telas e tudo que precisava para voltar a pintar.

— A escola que fica na zona rural vai fechar. — Uma senhora comentava com a outra enquanto eu escolhia as tintas.

— E por quê?

— Parece que a professora que lecionava lá foi embora e a prefeitura não achou outra pessoa para substituir.

— E o que vão fazer com as crianças?

— Vão ficar sem estudar. — Ela encolheu os ombros.

Fiquei chateada ao ouvir aquilo e fui embora.

Coloquei o cavalete velho no quintal que dava para o rio e comecei a pintar a paisagem de árvores de folhas marrons, o rio, as pedras que sobressaíam a água corrente. E também pintei Dodô parado a margem, procurando nada. Por duas vezes tive que salvá-lo, porque ele caía na água por não enxergar para onde estava indo. No fim do dia, minhas costas estavam doendo, mas eu estava satisfeita com o meu trabalho e mais relaxada. E feliz.



O Francisco abriu a porta da casa dele e olhou para a vasilha que eu segurava.

— Eu vim pedir desculpas — falei direto. — É torta de frango — contei.

— Obrigado. — Ele pegou a vasilha. — Só isso?

Que grosseiro! Pensei. Ele riu da minha expressão de espanto.

— Brincadeira! — fez sinal com a cabeça com aquele sorriso largo e atraente. — Entra.

E me deu espaço para entrar.

— Você tem um humor estranho — comentei.

— Gosto de provocar e você faz uma cara tão engraçada. É inevitável!

Fomos para a cozinha e ele colocou a torta em cima da mesa.

— Chegou na hora certa, estava olhando a geladeira e procurando o que

comer, mas não tem nada.

— Pensei que sua avó fosse daquelas à moda antiga que adora fazer almoço e janta — comentei.

— Ela é, mas todas as sextas, ela e minha mãe vão à cidade — contou. — Minha mãe canta em barzinhos e o namorado também mora na cidade. E minha avó aproveita a carona para ir aos bingos, ela é a rainha dos bingos.

Eu ri. O Francisco pegou pratos e garfos e colocou na minha frente.

— Pode servir enquanto pego algo para a gente beber?

— Claro.

Servi e ele se sentou de frente para mim, comeu um pedaço da torta e gemeu satisfeito. Pode parecer estranho, mas fiquei excitada ao vê-lo fazer isso. Deveria estar muito carente.

— Não foi você que fez. — Ele afirmou.

— Por que diz isso?

— Porque eu já comi dessa torta, sua mãe sempre traz para a minha avó — confidenciou.

— É verdade — ri. — Não sei cozinhar, mas queria impressionar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você queria me impressionar?

Meu coração bateu mais forte e ficou pesado respirar no mesmo ambiente. Sempre falo demais.

— Queria — admiti e fingi indiferença. — Mas só porque fui grossa ontem à noite.

Ele sabia que eu estava mentindo.

— Meu avô morreu há sete anos. — Ele começou a falar. — E daí minha avó ficou aqui sozinha e se recusou a se mudar para a cidade.

Fiquei mal ao ouvir aquilo, mas não o interrompi. Agora entendia a falta de cerveja naquela casa.

— Nunca conheci meu pai — falou sério deixando o garfo de lado. — Não sei quem ele é e acho que minha mãe também não faz ideia. Ela sempre gostou de uma vida livre e acabei sendo criado pelos meus tios e passava as férias aqui com os meus avós. Foi quando descobri que meu avô bancava todo o meu conforto.

Ele bebeu um gole do refrigerante, antes de prosseguir.

— Estudei muito para compensar o sacrifício deles. Daí quando meu avô

se foi, eu já estava insatisfeito com a vida na cidade e decidi montar um lar para os animais e assim ficar perto da minha avó...

— Sinto muito pelo que disse ontem — disse, sincera.

— Minha mãe é viciada em álcool e drogas, e tem altos e baixos. Está limpa há algum tempo e me ajuda como pode. — Ele soltou o ar dos pulmões. — Por isso, estar com elas, seja como for, me faz bem.

Enxuguei a lágrima teimosa. Esse cara era o paraíso e mais um pouco.

— É engraçado como a gente nunca se encontrou aqui. — Comentou mudando de assunto.

— Deve ser porque nas férias, eu e minhas irmãs viajávamos para a casa de uma tia, em São Paulo — forcei um sorriso. — E fui embora daqui aos treze anos — supus.

— Pode ser. — Ele comeu mais um pedaço de torta. — Mas acredito que certas coisas aparecem na vida da gente na hora certa.

Meu coração deu uma cambalhota e três saltos mortais e caiu de pé. A gente ficou se olhando e o mundo parou de girar. Ali, era apenas eu e ele. Não havia paparazzi ou a quem impressionar. Nada. Era o Francisco e a Raquel.

E era maravilhoso.



Ele segurou minha mão em cima da mesa e me puxou. Levantei e fiquei diante dele. Meu coração bateu igual tambor de escola de samba e, por isso, achei que ele pudesse ouvir. Francisco me puxou para cima dele e sentei em seu colo, antes de roubar um beijo. A mão grande e masculina entrelaçou os meus cabelos e ele aprofundou o beijo, enfiando sua língua em minha boca, me fazendo ficar mais excitada.

Nunca fiquei acesa apenas com um beijo. Quantas vezes fiz a lista de compras durante o sexo? Inúmeras. Convivi com homens muito vaidosos que estavam muito preocupados com seu desempenho e não com a transa em si. Por isso, a minha entrega naquele momento era importante, era diferente.

Ele se ergueu me segurando em seu colo e me colocou em cima do balcão. Tirou meu vestido, eu arranquei sua blusa e as roupas foram se perdendo.

Francisco beijou meu pescoço, seus lábios tinham sabor de fogo.

Labaredas de paixão. Ele segurou meus seios em suas mãos e seus olhos ficaram escuros de desejo. Minha mão desenhou seus ombros, o peito largo, antes dele tirar minha calcinha e depois a própria bermuda. Ele não era sarado, mas seu corpo era tão firme sem ser artificial. E me derreti com aquela visão maravilhosa.

Ele respirou fundo enquanto tocava meu rosto, me beijava de novo. Mordeu meus lábios, passou o dente pelo meu queixo. Suas mãos seguraram meus quadris e me puxou para frente, entrando em mim, forte e vibrante. Eu o abracei com meu corpo e mordi seu ombro, quando ele começou a se mover. Em um mundo de tamanhos, o dele era perfeito para mim.

Ele enredou as mãos nos meus cabelos mais uma vez e saiu para me penetrar de novo. Depois me beijou enquanto movia os quadris junto aos meus. Não estava afoito. Não estava louco para me impressionar. Ele queria sentir do meu corpo e o que eu podia oferecer.

Francisco abandonou meus lábios para poder gozar, jogando a cabeça para trás. Vê-lo tão saciado foi maravilhoso, antes que eu perdesse a consciência por alguns segundos.

Gozar com o Francisco foi inominável. Simples assim.



Acordei com Thor lambendo meu pé. Olhei ao redor, a gente tinha dormido na sala depois de fazer amor a noite toda. Acho que o sol estava nascendo quando pegamos no sono. O Francisco surgiu com uma bandeja nas mãos, com direito a flores do campo em um vaso pequeno. Sentei e espreguicei antes dele deixar a bandeja de lado e sentar no colchão para me dar um beijo.

Eu deveria estar horrível, o cabelo desgrenhado, sem maquiagem e um bom banho pela manhã. Mas ele parecia não notar. O beijo que Francisco roubou acendeu nosso desejo, no fundo tocava alguma música, notei que aquela casa não andava sem melodias o dia todo. Os lábios dele desceram meu pescoço e esqueci daqueles detalhes, a mão dele erguia a camiseta e invadia o meio das minhas pernas. E diferente das *britadeiras* que conheci, ele sabia onde me tocar exatamente e gemi alto. Depois ri e levei a mão aos lábios, me controlando e deixando o prazer invadir meu corpo.

Ele se projetou sobre mim, me beijando, me tocando. Comecei a

movimentar os quadris em busca de alívio e quando dei por mim, estava gozando de novo.

Para que complicação?
É simples assim...



Estávamos entrando em algum jogo louco do início da paixão ou ele queria que eu me viciasse em seu sexo. Tomamos café e eu o ajudei a lavar o canil. Brincamos com a água e ele me molhou toda, a gente se beijava, ria. Daí os ajudantes chegaram e demos comida aos animais. Fui para dentro da casa tirar a roupa dele e colocar meu vestido. Ele me pegou no meio do caminho e arrancou um beijo.

— Eu preciso ir — falei me afastando dele.

— Para onde?

— Uai, para casa — imitei os mineiros.

— Seus pais sabem que está aqui. — Ele acariciou meu braço. — Fica.

Estava pegando meu vestido no chão da cozinha e tentando desvirá-lo do avesso, quando ele tocou meu braço e me pediu para ficar. Não resisti. Olhei para ele, perdida.

— Francisco...

— Raquel. — Ele me imitou. — Qual é o problema?

— Nenhum — encolhi os ombros.

Ele se abaixou e beijou minha orelha me provocando arrepios.

— Do que você tem medo?

Eu ri e ele seguiu com a carícia, beijando minha nuca, me enlouquecendo. Ele me empurrou contra o balcão e apoiei os cotovelos, antes de Francisco abaixar o short que eu usava, e colocar o membro para fora, para me possuir e segurar meus seios com firmeza.

Era bom e alucinante. Quando terminamos, ele me virou e beijou com uma paixão que me esmagou.

— Ainda quer ir embora? — Ele perguntou, ofegante.

— Não — respondi com um sussurro.

Voltou a me beijar e segurei aqueles seus cabelos compridos e dourados e o puxei para mim.



O som do celular tocando nos acordou. Estávamos dormindo depois do almoço quando o Francisco pulou da cama e me sentei, e o vi atender o telefone que estava no bolso da bermuda jogada no chão, junto com nossas roupas. Peguei meu vestido e o coloquei enquanto ele falava e o cenho ia franzindo cada vez mais. Notei que o assunto era sério.

— Problemas no paraíso. — Ele se voltou para mim.

— O que foi?

— Uma denúncia de abandono e maus tratos. Tenho que averiguar. — Ele vestiu a bermuda e a camiseta e foi até o outro lado do quarto pegar as chaves do jipe. — Quer ir comigo?

— Sim — concordei feliz por ele me convidar.

O jipe amarelo avançou pelas estradas de terra batida e se ele me abandonasse ali, eu jamais saberia voltar.

— Você sempre atende esse tipo de denúncia?

— Sim — respondeu enquanto dirigia. — E amo fazer isso. Não posso deixar esses pobres animais sendo maltratados até a morte.

— E tem muito na região?

— Mais do que você imagina. — Ele fez uma careta e os dedos pressionaram o volante. Notei que aquele assunto o deixava revoltado.

Fiquei imaginando o que ele teria feito se tivesse conhecido o ex-dono do Dodô.

Chegamos a um sítio perdido, no meio do nada, cercado por mata nativa. Não fazia ideia de como o Francisco chegou naquele lugar sem GPS. Ele praguejou e desceu do carro, furioso. Eu me apressei a segui-lo. Francisco praticamente arrancou o portão malfeito com arame farpado e entrou na propriedade a passos largos. A cena era lastimável: dois cães amarrados com arames farpados em volta do pescoço, e provavelmente, na tentativa de se libertarem, enroscavam ainda mais.

— Raquel. — Ele me olhou por cima do ombro. — Pega um alicate no

jipe, por favor.

Corri para fazer o que ele pediu e voltei depressa. Senti um enorme mal-estar. Os animais estavam enroscados e muito feridos, e quanto mais tentavam se mover pioravam a situação.

— Calma, garoto. — Francisco murmurou com carinho enquanto cortava o arame para livrar o primeiro vira-lata de médio porte. O sangue escorria nos pelos amarelados e sujos de sangue.

Eu o peguei de seu colo, senti o coração dele bater acelerado e o abracei. Estava machucado e eu me perguntava que tipo de pessoa tinha coragem de fazer aquilo. Uma revolta cresceu dentro de mim quando ouvi os ganidos do outro vira-lata também marrom.

— Vai ficar tudo bem... — murmurei com lágrimas queimando meus olhos.

A situação do segundo cachorro era pior. O arame estava preso dentro da boca e enroscado no focinho, em uma tentativa clara de tentar morder e cortar o arame. Ele sangrava muito e estava nervoso, tentando morder o Francisco.

— Calma, menino...

E com cuidado o livrou, mas o cão estava tão ferido e debilitado que mal conseguia ficar em pé. Francisco o pegou no colo e o trouxe para perto de mim, ele era pele e osso. Nós os levamos para o veículo e eu acabei ficando com o cachorro nos meus braços, com medo de soltá-lo e ele se machucar mais.

— Sabe quem é o dono desses cães? — perguntei enquanto ele colocava o jipe em movimento.

— Não — falou, com rispidez e olhou para mim. — E prefiro não saber para não o amarrar com arame farpado também!

Compreendi a raiva dele, porque eu sentia a mesma coisa.



E naqueles dias seguintes, o Francisco recebeu mais telefonemas denunciando maus tratos ou abandono. Um número muito grande para uma região tão pequena e eu me perguntei onde estava a humanidade das pessoas. Por que tinham que fazer mal aos animais que não tinham como se defender? De repente, eu me vi envolvida em toda aquela história.

Resgatar os animais estava se tornando um aprendizado para mim e me vi engajada em ajudá-lo. Às vezes, estávamos na varanda da minha casa namorando, quando o celular tocava e saíamos correndo com o meu carro ou o dele.

Aquele carinho especial com os animais me encantou.

E quando ele ia para as cidades da região com o jipe lotado de animais para serem adotados, novamente eu estava junto. Raramente voltávamos com o carro vazio. Meu coração doía ao ver aqueles pobres animais em busca de um pouco de carinho e atenção. Em um mundo em que as pessoas estão tão carentes, por que não podem dar amor aos animais?

— Tem gente que diz que gosta de cachorro, gato. Mas só querem se forem de raça e torcem o nariz para os vira-latas! — Francisco comentou durante o retorno para casa. — Isso não é gostar. É igual ao amor, a gente não escolhe quem vai amar. E se escolher está fazendo do jeito errado!

Ao ouvir tais palavras, joguei o carro no acostamento da estrada de terra, desliguei e tirei o cinto.

— O que aconteceu? — Ele perguntou sem entender nada.

Passei as pernas em volta de suas pernas musculosas e me sentei em cima dele, essa é a vantagem de sempre usar vestidos. O Francisco era o paraíso e eu estava me perdendo nele. Como não me apaixonar por esse homem tão humano e lindo?

Eu o beijei e ele me abraçou apaixonado, correspondendo com ardor, sua língua contra a minha. De forma frenética, quase selvagem e desesperada, abaixei sua bermuda e me ergui para afastar a calcinha e me sentar sobre o seu membro rijo.

Francisco abaixou o meu decote e toma o seio entre os lábios, enquanto me movimento sobre ele. Soltei um gemido alto, quando ele segurou meus quadris e me penetrou mais fundo. A gente se abraçou e nos movemos rapidamente, loucos para saciar aquele desejo tão diferente e familiar ao mesmo tempo. Era como sentir algo novo, e ter certeza que sempre teve aquele sentimento à espreita, esperando o momento certo para aparecer.

Gozamos.

Fico olhando para ele, emocionada.

— Muito bom te encontrar! — E o beijo com a vontade única de amar.



Ele me levou para ver o pôr do sol, no alto da montanha. O Dodô e o Thor corriam para todo o lado enquanto ele me beijava.

Eu o ajudava nas tarefas, depois andávamos de bicicleta. Ouvimos música de novo e dançamos. Nadamos no rio.

Assistimos filmes de terror como o Dodô escondido debaixo da cama.

Eu pintei um retrato dele e do Thor.

Falamos sobre tudo.

Menos sobre o futuro. E quem precisa de futuro quando tem o presente nas mãos?

Vivíamos a cada dia, sem complicação.



Em uma noite de sexta-feira, levei uma garrafa de vinho e queijo para a gente saborear e namorar sob a luz da lua. Entretanto, não foi ele que abriu a porta e eu lhe roubei um beijo como nos outros fins de semana. Foi a mãe dele que me atendeu. E pelo olhar atravessado que ela me lançou e os olhos inchados, notei que o problema era sério para ela estar em casa e não ter ido à cidade.

— O Chico está no quarto dele! — Ela avisou com a voz indiferente, e me deixou sozinha, desaparecendo no corredor.

Coloquei o vinho e o queijo sobre o móvel e fui falar com ele. Talvez fosse melhor ir embora e voltar uma outra hora. Bati à porta do quarto dele e entrei.

— Oi!

— Oi! — Francisco estava sentado no chão, jogando videogame e respondeu sem me olhar.

Sentei ao lado dele.

— Está tudo bem? Acabei de ver sua mãe...

— Ela brigou com o namorado e está *deprê* — contou sem tirar os olhos do jogo de luta, morte e muito sangue.

— Sei — notei que ele continuava a jogar e eu estava sobrando. — Então, eu volto outra hora...

— Tudo bem...

Arregalei os olhos e quando me virei para sair, ele me puxou de volta e me beijou. E depois riu.

— É brincadeira, sua boba! — sorriu com charme. — Quer jogar comigo?

— Sou péssima em videogame! — relutei e ele notou.

— Se você perder, eu tiro a sua roupa — falou fingindo que o assunto era sério.

Dei uma risada.

— Você pode fazer isso sem que eu precise perder...

Ele fez que não.

— E onde está a graça em se entregar antes de lutar? — devolveu roçando seus lábios nos meus.

— Quer ver?

Eu o beijei e ele me empurrou contra o tapete e se deitou em cima de mim. Suas mãos passearam pelo meu corpo como labaredas de fogo, lambendo minha alma e me incendiaram com um desejo dolorido, angustiante que precisava ser sanado. Fechei os olhos e senti a língua em minha orelha, descendo por meu pescoço. Minha roupa foi tirada e ele mergulhou em meu corpo. De repente, ele se deitou no chão e pediu:

— Cavalgue sobre a minha língua.

Morri excitada ao ouvir aquilo. Prendi a respiração e em seguida a soltei pesada. Dominada pela necessidade de gozar e viver aquela nova experiência, coloquei minhas pernas em volta de sua cabeça e olhei para baixo. Aqueles olhos cheios de malícia me fitando, eu ia enlouquecer.

— Você é louco — murmurei, ansiosa.

Ele segurou meu traseiro e me fez abaixar sobre ele. Revirei os olhos com o toque da língua e comecei a me mover. Céus! Aquilo era bom demais! Ao mesmo tempo em que eu estava no controle do meu prazer, era aquela língua deliciosa que ditava o ritmo. Minha respiração foi ficando mais áspera e pesada até que perdi a consciência e meus gemidos soaram altos, joguei meu corpo para trás e suas mãos seguraram com firmeza meus quadris, não parando mesmo depois que gozei.

Eu estava chorando de prazer, implorando para ele parar, mas ele não me

obedecia, e senti meu corpo convulsionar outra vez. Olhei para ele perdida, e um sorriso maldoso formou em seus lábios. Queria fugir e ficar. Mas era tarde demais para desistir. Eu estava perdida de amores.



O som dos cachorros latindo lá embaixo era normal. Entretanto, a algazarra interrompeu nosso momento de prazer, entre um jogo e carícias. Ele franziu o cenho.

— O que será que está acontecendo lá embaixo? — Ele se levantou nu e se aproximou da janela. Seus olhos claros se arregalaram. — Alguém abriu o canil!

Ele vestiu as roupas rapidamente e eu também. Descemos e o quintal do sítio estava um caos. Os animais estavam soltos correndo de um lado para o outro, uns brigando, outros se divertindo, era o caos.

— Merda! — Francisco praguejou e olhou ao redor. — A gente vai ter que voltar todo mundo lá para dentro — apontou para o cercado onde eles ficavam durante a noite.

— Tudo bem...

No final, foi cansativo, mas divertido. Conseguimos pegar todos os animais de volta, apenas uns gatos e um número pequeno de cachorros desapareceram. Eu achava incrível o Francisco conhecer o nome de cada um, há quanto tempo estavam ali, o motivo de terem sido resgatados. Ele trancou bem o portão, mas viu que o cadeado foi aberto com chave. Senti que ele ficou tenso.

— Minha mãe...

Ele murmurou e correu para a garagem. Fui atrás dele e quando chegamos lá, o jipe tinha sumido. Francisco passou as mãos pelos cabelos.

— Merda! Merda! — xingou, nervoso.

— Acha que foi ela que abriu o canil? — deduzi.

— Sim. — Ele fez que não. — Ela deve ter usado drogas ou bebeu. Ela sempre faz isso quando pira. Pode me emprestar seu carro? Vou atrás dela...

— Claro — concordei. — Se quiser, vou com você...

Ele assentiu e fomos. Não demorou muito e encontramos o jipe caído em uma vala. A Marlene estava deitada sobre o volante e a testa sangrava, mas ela

estava viva e gemeu quando o Francisco a tirou do carro e levou para o meu. Deitada no banco detrás, ela vomitou no meu carro no meio do caminho. Chegamos a casa dele e o Francisco estacionou o jipe com a frente amassada e eu atrás. Ele levou a mãe para dentro e cuidou dela. Aproveitei para limpar o meu carro e ver se estava tudo bem no canil.

Os animais estavam tranquilos e a paz seguia até eu me virar e dar de cara com o Francisco segurando uma garrafa de vinho vazia, nas mãos. Ele estava parado na porta dos fundos. Era a garrafa que eu havia trazido com o queijo.

— Achei isso na sala. — Ele falou muito irritado. — Ela comprou essa maldita bebida, acredita? — jogou a garrafa no lixo com raiva.

E não era para menos.

— Ela devia estar guardando para um momento de fragilidade como esse! — Ele andou de um lado para o outro. — Sabe o que isso significa?

— Não. — Mal consegui responder.

— Recaída! Agora, ela vai querer beber mais e vou ter que vigiá-la e se ela insistir e começar a dar problemas, outra internação! — Francisco parou e olhou para mim, cansado. — É desgastante, Raquel. Você não tem ideia! Desculpa por você ter que ver tudo isso...

Ele me abraçou, me consolando. Senti lágrimas queimarem nos meus olhos. A culpa era minha, eu havia levado a garrafa de vinho para a casa dele. Mesmo que não tenha sido intencional, foi como dar o gatilho na arma. Deixei a garrafa de vinho sozinha para uma alcoólatra que sofria de depressão pelo fim de um relacionamento. Como eu pude ser tão distraída e não me atentar a isso?

Afastei dele e o fitei com pesar. Ele franziu o cenho, esperando que eu explicasse porque o impedia de seguir com aquele abraço gostoso, em que ele precisava mais de mim do que eu dele.

— Eu trouxe a garrafa de vinho — contei com o coração apertado. — Deixei na sala junto com o queijo.

— O quê? — devolveu, perplexo.

— Francisco, eu...

Ele se virou para se afastar de mim. Eu o segurei pelo braço, mas ele soltou com raiva.

— Que tipo de pessoa leva bebida para a casa de um alcoólatra? — perguntou e entrou em casa, batendo a porta com força.

Ele estava com muita raiva naquele momento e preocupado com a mãe

para que eu pudesse lhe explicar e pedir as desculpas que ele não queria ouvir.



Chovia em São Paulo quando cheguei ao meu apartamento fechado há quase um mês. O dia nublado não ajudava o meu ânimo a melhorar e para piorar o Dodô estava com diarreia e tive que levá-lo a um veterinário. No caminho, achei um cachorro abandonado no meio da chuva e tive que colocar dentro do meu carro. Naquela tarde, descobri uma ONG que trabalhava com salvamento e doação de animais e fui até lá.

Notei que a vida te encaminha para onde você dever ir. Mesmo que não perceba, o que é seu te encontra. Eu havia encontrado o Dodô e depois o Francisco. Não foi fácil partir. Mas a decisão foi minha. Naquela noite após ele fechar a porta na minha cara, voltei para a casa dos meus pais e fiz as malas. A decisão de partir foi por eu não aguentar ver o estrago que havia feito na vida do Francisco e de sua família. Não ia conseguir me despedir, por isso, escrevi uma carta.

Francisco,

Chegou a hora de partir. Gostaria de ir até aí e pedir desculpas e explicar que não foi minha intenção prejudicar sua mãe, afinal, não sabia que ela estava em casa. Entretanto, sei que agi de forma imprudente, esquecendo da importância desse assunto em sua família, e não imaginei sequer que as consequências de um ato tão banal poderiam ser tão desastrosas. Perdoe-me, por favor. Nunca vou me perdoar. Obrigada por tudo. E continue sendo esse cara lindo e do bem.

Com enorme carinho,

Raquel.

Fui embora na manhã seguinte. Talvez, se eu visse mais uma vez o sol nascendo naquele horizonte lindo, eu não conseguisse partir. Deixei o quadro com a carta na varanda da casa dele. Ia deixar o Dodô, mas não consegui, ele era parte da família, agora.

Enquanto dirigia para longe, imaginei o Francisco levantando de manhã, depois de passar a noite dormindo ao lado da mãe. Ele vestiu a camisa, desceu para a cozinha fez café e, depois de encher uma enorme xícara, foi para a

varanda assistir o nascer do sol e, franziu o cenho daquele jeito tão dele quando viu o pacote ao lado da cadeira que ele adorava sentar.

Ele pegou o envelope endereçado a ele e fez uma careta de desgosto. Compreendeu que eu havia partido, como uma tola covarde que tem medo de ser rejeitada, quando na verdade, foi apenas um mal-entendido.

Francisco abre o pacote e vê o quadro enquanto eu dirigia para São Paulo, com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e o Dodô uivando no banco detrás como um lobo.



Vendi o apartamento enorme e comprei um mais simples. Matriculei na faculdade de pedagogia à distância e arranjei um emprego em uma agência de modelos, mas como secretária. Mas a maior parte do tempo, eu resgatava os animais e levava para a ONG e quando tinha tempo, ia para as feiras ajudar nas adoções. Não podia fazer muita coisa, mas tudo o que eu conseguia, fazia.

Eu estava indo para um evento da agência de modelos, quando enxerguei um cachorro que acabara de ser atropelado. O motorista fugiu e ninguém parava para prestar socorro. Parei meu carro no acostamento e no meio daquela chuva, vi que o cachorrinho estava vivo. O peguei no colo e o levei para a ONG. A veterinária de plantão correu para me ajudar e o levaram para o atendimento de emergência.

Olhei para o meu fino vestido coberto de sangue. Meu cabelo estava destruído e não havia como seguir para a festa daquele jeito, meu chefe ia me matar se eu chegasse parecendo um gato molhado e sujo, em um evento feito para a elite da moda. Aquele momento me fez recordar o Francisco e de como eu me sujava o tempo todo enquanto o ajudava com os animais e era bom. Era verdadeiro. Era simples e bom.

— Ela está ali — ouvi a recepcionista dizer e olhei para o lado.

Meu coração deu um salto triplo carpado e senti um frio na barriga. Um calor no corpo todo. E um medo. E felicidade. E tudo confuso. O que ele fazia ali?

Francisco estava de terno e gravata e fiquei surpresa. Estava lindo como sempre, os cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Obrigado. — Ele agradeceu e olhou para mim.

E morri enquanto ele caminhava em minha direção e não conseguia sair do lugar.

— Oi! — Foi o que consegui dizer.

— Oi! — Os lábios se curvaram em um sorriso e enterrou as mãos nos bolsos da calça do terno caro.

— O que faz perdido por aqui?

Ele não respondeu.

— Não quer beber comigo ou comer alguma coisa? Eu estava dando uma palestra e estou morto de fome! — convidou.

— Palestra? — perguntei e ele assentiu. Mostrei minha roupa. — Eu não posso ir assim a um lugar público — disse e ele pareceu decepcionado. — Mas tem lasanha congelada no meu apartamento, se você quiser...

Diz que sim. Pensei.

— Tudo bem.

Meu lado racional dizia para... Foda-se meu lado racional! O Francisco estava em São Paulo e foi me ver. Ele me achou na ONG!

Eu estava muito feliz.

Simples assim.



Dodô latiu assim que entramos em casa e correu para os braços do Francisco como se fossem velhos amigos. Era incrível como nessas horas em que ele deveria ser indiferente, seu faro funcionava muito bem. Aproveitei para ir para o meu quarto e trocar de roupa. Ele estava com o Dodô no colo e olhando as fotos do mural que eu tinha montado.

— Fotos com gente importante... — comentou quando me viu. — Não tem uma nossa aqui...

— A gente não tirou nenhuma foto.

— A mais importante, você deixou para trás! — Ele se referia ao quadro e eu sabia.

Ele deixou o Dodô no chão e finalmente olhou para mim.

— Quer beber alguma coisa? — ofereci. — Devo ter suco na geladeira.

— Aceito — respondeu e fomos para a cozinha. Aproveitei para colocar a lasanha no micro-ondas e servi suco para nós.

— Eu estava dando uma palestra na Universidade. — Ele contou. — Quando recebi o relatório das ONGs, em São Paulo, e vi seu nome na lista dos voluntários.

— Não deve ter muitos voluntários — comentei sem graça, sentando de frente para ele na pequena mesa de madeira.

— Eu ia te procurar de qualquer jeito... — A gente se encarou e eu senti que estava tendo um *pré infarto*. — Li sua carta e a achei tão idiota!

Arregalei os olhos, surpresa.

— O quê?

— Por que você foi embora? — questionou, indignado.

— Porque... — levantei, nervosa e olhei para ele. — E o que queria que fizesse? Que convivesse com a sua indiferença?

Ele também se levantou e parecia mais alto do que o normal e mais lindo. E mais tudo de bom.

— Eu queria te ver no dia seguinte e pedir desculpas. — Ele foi se aproximando de mim e fui andando para trás até meu corpo encostar contra a pia. — E te falar que não foi culpa sua, se não fosse o vinho, minha mãe teria bebido o perfume, ou qualquer coisa que a tirasse da realidade!

As mãos dele tocaram a parede, me prendendo e seu rosto se aproximou do meu.

— Senti sua falta.

— Droga, Francisco! — relutei. — Você vira minha vida do avesso e agora aparece assim?

— Sim! Tem ideia melhor?

— Não!

Nossos lábios se encontraram em um beijo selvagem, carregado de saudade, antes de deixar um rastro de roupas até o sofá da sala e a gente recuperar o tempo.



Não foi o fato dele ter ido atrás de mim e me pedir para voltar, logo

depois que fizemos amor, que me fez retornar para a casa dos meus pais, bem ao lado dele. Era a certeza do amor que eu sentia que me fez aceitar o pedido. Continuei fazendo a faculdade à distância, e realizaria meu sonho de dar aulas em alguns anos. Pintei mais quadros e me sentia bem morando com meus pais e podendo cuidar deles bem de perto. Além disso, fazia o que me dava muito prazer: salvar os animais... Com o Francisco...

E eu venci o Francisco no videogame.

— Sorte de principiante! — Ele zombou com o orgulho ferido.

Eu o beijei e nesse momento Dodô e o Thor saíram do quarto.

— Sabe o que tem que fazer agora, não é? — perguntei, maliciosa.

— O quê? — Ele me enlaçou pela cintura e nossos corpos se bateram deliciosamente.

— Vai ter que ficar nu... — lembrei. — É essa a aposta. E vou ter que me ajoelhar no meio das suas pernas... — sussurrei em seu ouvido e ele soltou um gemido rouco.

Ele chutou a porta do quarto e ela se fechou.

Entretanto, antes de voltar a me beijar, ele me fitou profundamente. E me abraçou. Um abraço gostoso, com sabor de carinho, segurança e paixão.

— Que bom que está aqui... — Ele murmurou contra o meu pescoço.

Sim. Eu somente queria um abraço no fim de tudo. Abracei e deixei ser abraçada.

Simples assim.

Fim

SÉRIE AMORES BRASILEIROS

O PESCADOR – LIVRO 1

A escritora Heloísa se sente sozinha no mundo, mesmo rodeada de uma família querida. Procurando algo que a preencha, decide procurar pelo pai biológico, Pedro e ao descobri-lo, arruma as malas e parte e encontra um lugar perdido no tempo, um verdadeiro paraíso, uma nova inspiração para a vida e quem sabe um novo amor.

O VIRA-LATA – LIVRO 2

A modelo Raquel Soares acaba de perder o emprego porque engordou cinco quilos e, não apenas isso, ela está com o filme queimado nas agências depois que esbofeteou o rosto do homem mais influente da moda, no Brasil. Sem alternativa, ela vai para a casa dos pais e de tiracolo leva Dodô, o cachorro vira-lata abandonado. Será que vale a pena investir tanto em uma carreira que lhe dá dinheiro, mas não é o que sonhou em fazer toda a sua vida? Será que o amor pode acontecer em meio à simplicidade, sem glamour algum?

FLÁVIA PADULA

É jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher, escritora e acima de tudo leitora.

Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*.

Recebeu vários prêmios literários no Brasil.

Também é autora dos romances históricos *O Duque*, *O Yankee*, *O Plebeu*, *A Casa da Colina*, *De Volta à Casa da Colina*, *O Cavalheiro de Shetwood*, *A Carta*, *Conde de Denbigh*, *Sublime, A Força do Amor, O Poder do Amor, A Glória do Amor, Danior, Vladimir, O Pirata e a Prisioneira*, *Maldição do Re e O Feitiço da Princesa*.

De literatura contemporânea iniciou com *Uma Segunda Chance, O Falcão do Deserto* e dos contos *Escolhas, Sublime*, *Ralph*, *O Pescador, O Vira-Lata*.

Estreou na Literatura Erótica com os Contos *O Baile de Carnaval*, *Fim de Semana* e com a Comédia Romântica *Quero Me Casar e o O Editor.*

Facebook

https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora

Instagram

@flaviapadulaescritora